

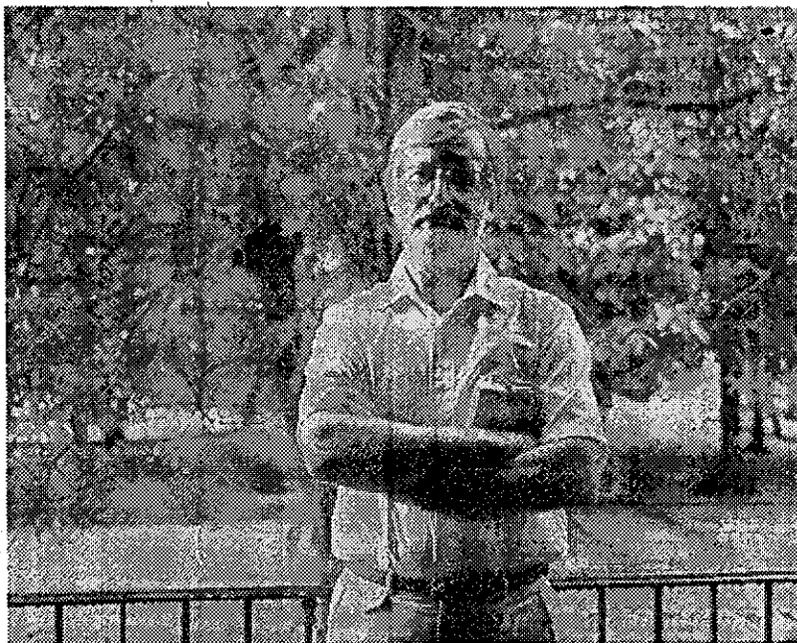
# Amazônia poderá ter preservação planejada

**Cientistas vão propor parques que garantam a sobrevivência do maior número possível de espécies**

MANAUS — A Amazônia é uma imensa combinação de diferentes tipos de vegetação. Cada associação de espécies vegetais, com rios, lagoas, morros, ilhas ou campinas de areia branca é habitada por um conjunto de animais integrados ao habitat. Se esse habitat desaparece ou se modifica, também muda o conjunto da fauna que nele vive. Por isso, quando pensam em conservação da fauna e flora amazônicas, os especialistas precisam levar em consideração a região como um todo, sem que nenhuma parte fique de fora. Com a missão de tentar reunir num só mapa propostas de parques ou reservas que garantam a sobrevivência do maior número possível de espécies estão reunidos no Workshop 90, no Hotel Tropical, em Manaus, 95 cientistas. Na bagagem de cada um, o conhecimento acumulado em anos de estudo dentro da floresta.

Esta é a primeira vez na história da Amazônia que as áreas de preservação serão planejadas com base científica. Até hoje, os parques dos nove países amazônicos foram decretados apenas para proteger fronteiras, por se tratar de áreas impraticáveis para atividades humanas ou para abrigar espécies isoladas. Nunca se pensou no conjunto, como se pretende agora.

Guilheam France, do Royal Botanical Garden de Londres, um dos coordenadores do evento, explica que os cientistas pretendem combinar no mapa "as áreas de maior concentração de espécies, atentando para a distribuição da população de plantas dentro dessas áreas". Mas a simples ocorrência de vegetação rara não garantirá inclusão da área nos parques propostos. De acordo com France, será preciso haver uma grande quantidade de plantas da mesma espécie concentradas na mesma região para que ela seja considerada. "Para a preservação, é melhor escolher locais onde há centenas de representantes das árvores tidas como importantes. Assim, a sobrevivência de toda a espécie é garantida", afirma o pesquisador.



Luiz Cláudio Tinoco/AE

*France: mapa seleciona áreas de concentração de espécies*

## Extensão de parque é tema de discussão

O tamanho ideal de um parque amazônico é uma questão que merece atenção especial dos cientistas. Já ficou provado que as áreas de proteção de florestas tropicais não podem ser muitos pequenas, pois a mata isolada se degrada sozinha, até ficar irreconhecível. Mas ainda restam muitas dúvidas sobre o tamanho mais adequado. Para os botânicos, se bem escolhidos, áreas de dois mil hectares podem ser viáveis, desde que tenham corredores de união. "Preservando as margens dos rios, entre uma região e outra, por exemplo, podemos assegurar o trânsito de animais e a viabilidade das espécies vegetais", diz Guilheam France.

Os especialistas em pássaros precisam de mais espaço. "Quanto maior o parque, melhor. Nunca menos de 15 mil hectares", define o ornitólogo Ted Parker. Ele esclarece que as aves, ao contrário do que se imagina, não se mudam para áreas intactas. De acordo com o estudioso, boa parte das espécies amazônicas não voa, anda aos pulinhos, e mesmo as que

voam não têm capacidade de percorrer grandes espaços vazios. "Alguns pássaros de mata fechada não conseguem sequer atravessar clareiras da largura de uma estrada e caem no chão desorientados com tanta amplidão", descreve.

É mais comum observar espécies que, isoladas em pequenas ilhas de floresta cercada por desmatamentos, permanecem em suas "casas" até morrer de fome, em vez de arriscar um voo até outro local mais seguro, conta Parker. Os primatas se contentam com áreas médias e também podem se beneficiar de corredores, para o necessário intercâmbio entre grupos da mesma espécie. "Se tivesse de escolher entre um grande parque e dez áreas menores, em dez locais caracterizados como refúgios de diferentes espécies, escolheria a última opção", afirma Anthony Rylands. Para, Russel Mittermeier, presidente da Conservation International, "o ideal seria transformar 20% da Amazônia em parques, contra os 2% legalmente protegidos hoje", propõe.